



## Míssil russo atinge vilarejo na Polônia

Sem acusar Moscou, Varsóvia confirma que artefato caiu em região fronteira com a Ucrânia, matando duas pessoas. Kremlin nega ataque. Otan convoca para hoje uma reunião extraordinária para discutir eventuais desdobramentos do ocorrido no país-membro

A guerra na Ucrânia ganhou ontem contornos ainda mais graves e de desdobramentos globais imprevisíveis após a queda de um míssil de fabricação russa no território da Polônia, país integrante da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e da União Europeia (UE). Duas pessoas morreram na explosão, que teria atingido um silo de grãos em Przewodów, no vilarejo de Przewodów, a cinco quilômetros da fronteira com o país vizinho. O episódio ocorreu em meio a um ataque massivo comandado por Moscou — o maior desde o início do conflito — sobre algumas das principais cidades ucranianas.

A hipótese de relação entre os dois fatos, inicialmente levantada por meios de comunicação poloneses, elevou imediatamente a tensão na região, deixando a comunidade internacional em alerta. Sem acusações ao Kremlin, o primeiro-ministro Mateusz Morawiecki e presidente Andrzej Duda convocaram uma reunião de emergência do Conselho de Segurança Nacional, que decidiu aumentar o número de unidades militares em prontidão.

Já era fim de noite na Polónia quando o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Lukasz Jasina, confirmou a procedência do armamento que atingiu o vilarejo, segundo a agência de notícias France-Presse. “Um míssil de fabricação russa caiu, matando dois cidadãos da República da Polónia”, informou Jasina, em comunicado.

Na nota, o porta-voz da chancelaria destacou ainda que o embaixador russo em Varsóvia foi convocado para pedir “explicações detalhadas” sobre o ocorrido. A Otan realiza hoje uma reunião de emergência para discutir o episódio. Não há evidência de um ataque intencional ao território polonês.

O premiê polonês pediu tranquilidade à população. “Precisamos ter moderação e cautela”, disse. Por sua vez, Duda adotou um tom cauteloso. “No momento, não temos uma prova inequívoca de quem disparou o míssil, uma investigação está em andamento”, disse o presidente, que conversou por telefone com o colega americano, Joe Biden.

Desde o primeiro momento, Moscou negou responsabilidade nas explosões na Polónia. “As declarações da mídia polonesa e de autoridades oficiais sobre uma suposta queda de



Bombeiros ucranianos em área bombardeada em Kiev: ataques atingiram infraestrutura de energia e deixaram capital às escuras

### Ação conjunta

O artigo 5º do tratado da Aliança Atlântica, considerado uma pedra angular da organização, estabelece que se um dos 30 Estados-membros for vítima de um ataque armado, os demais integrantes do grupo considerarão o ato como um atentado dirigido ao conjunto desses países. Dessa forma, poderão tomar as medidas necessárias para ajudar o aliado agredido.

mísseis russos perto da cidade de Przewodów são uma provocação intencional que busca escalar a situação”, postou o Ministério da Defesa russo no Telegram. “Não foi realizado nenhum ataque contra alvos próximos à fronteira ucraniana-polonesa”, asseverou.

Enquanto as autoridades polonesas investigavam o caso, nos Estados Unidos, a Secretaria de Defesa classificou os relatos como “incrivelmente preocupantes”, mas destacou que não podia confirmar oficialmente que mísseis russos haviam caído naquele país. “Nesse momento, não temos informações comprovatórias”, observou o porta-voz do Pentágono, Pat Ryder. Mais cedo, porém, sob anonimato, um funcionário da inteligência americana havia dito que o artefato era russo.

### Consequências

Por se tratar de um Estado-membro, a Otan entrou imediatamente no caso. “É importante que se determine o que ocorreu”, frisou o secretário-geral da Aliança

Atlântica, Jens Stoltenberg, no Twitter. Embaixadores dos países integrantes da organização se reúnem hoje, em caráter emergencial, para debater o tema. Se a vinculação com Moscou for comprovada, o conflito, iniciado há quase nove meses, poderá se agravar.

Se aguardar um posicionamento oficial, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, acusou Moscou pelo episódio e instou a Otan a “agir” diante de uma “escalada muito significativa” do conflito. “Quanto mais a Rússia sentir essa imunidade, mais ameaças haverá contra qualquer um dentro do alcance dos mísseis russos. Disparar mísseis contra o território da Otan é um ataque russo à segurança coletiva. É uma escalada muito significativa. Devemos agir”, ressaltou.

O chanceler ucraniano, Dmytro Kuleba, por sua vez, pediu à Otan que convocasse uma cúpula “imediatamente” para forçar a Rússia “a mudar seu rumo na escalada”. A Hungria também convocou seu Conselho de Defesa.

### Ofensiva tripla

O ataque russo, que comprometeu em larga escala a infraestrutura elétrica ucraniana, ocorreu quatro dias após a humilhante retirada das forças de Moscou da cidade estratégica de Kerson e coincidiu com o primeiro dia da cúpula do G20, em Bali (Indonésia). Segundo autoridades, Moscou lançou uma centena de mísseis, do Mar Cáspio, da região russa de Rostov e do Mar Negro. O governo afirmou que a situação da rede elétrica em todo o país é “crítica”.

Na capital ucraniana, Kiev, os ataques deixaram pelo menos um morto e privaram metade dos habitantes de eletricidade, segundo informou o prefeito, Vitali Klitschko, no Telegram. Os bombardeios mais recentes contra a cidade, em 10 e 17 de outubro, também tiveram como alvo a rede de energia no início do inverno.

Sirenes antiaéreas soaram em toda a Ucrânia pouco antes das 15h30 (10h30 em Brasília). Minutos depois, explosões foram ouvidas em Kiev, Lviv (oeste) e Kharkiv (nordeste). Um funcionário da Presidência ucraniana divulgou um vídeo mostrando um prédio de cinco andares em chamas.

No nordeste do país, houve “um ataque com mísseis no distrito



No momento, não temos uma prova inequívoca de quem disparou o míssil, uma investigação está em andamento

Andrzej Duda, presidente da Polónia

Industrialniy de Kharkiv”, disse Igor Terekhov, prefeito da segunda maior cidade da Ucrânia. No oeste, explosões foram ouvidas em Lviv. “Que todos fiquem seguros”, pediu o prefeito, Andriy Sadovi, no Telegram, acrescentando que “parte da cidade (estava) sem eletricidade”.

Kuleba pediu que a cúpula do G20, que reúne potências industrializadas e emergentes, se pronunciasse sobre os atentados russos. O apelo foi logo apoiado pelos Estados Unidos. “Esses ataques russos servirão apenas para aprofundar a preocupação entre o G20 sobre o impacto desestabilizador da guerra de Putin”, disse o conselheiro de segurança nacional da Casa Branca, Jake Sullivan.

### Pressão de aliados

A guerra na Ucrânia dominou os debates, ontem, no primeiro dos dois dias da cúpula do G20 em Bali, na Indonésia. Foram vários os apelos, inclusive de países próximos a Moscou, para o fim do conflito. Apesar da divisão internacional em torno da invasão, as delegações, incluindo a própria Rússia, concordaram com um projeto de comunicado final que sublinha o “imenso sofrimento” causado pela invasão ao território ucraniano e observa que “a maioria dos membros condenou firmemente” a guerra.

A carta, ainda pendente de aprovação definitiva, declara que o uso de armas nucleares ou a ameaça de recorrer a elas é “inadmissível”, em mensagem velada ao presidente russo, Vladimir Putin, mas também reconhece que existem “outros pontos de vista” no bloco. O esboço do texto foi acertado antes da notícia da queda de um míssil de fabricação russa na Polónia.

Putin não compareceu ao encontro e enviou seu ministro das Relações Exteriores, Sergei Lavrov, para resistir à chuva de críticas dos demais líderes. Ao contrário da reunião do G20 realizada em julho, da qual se retirou, desta vez o chanceler resistiu estoicamente — inclusive quando o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, discursou por videoconferência. “Estou convencido de que agora é a hora em que a guerra destrutiva da Rússia deve e pode terminar”, afirmou o líder ucraniano.

Em comentários posteriores, Lavrov disse que as exigências da Ucrânia para negociar “são manifestamente não realistas” e acusou o Ocidente de travar uma “guerra híbrida” contra a Rússia.

Os apelos à paz foram apresentados já na abertura da cúpula pelo presidente da Indonésia, Joko Widodo, que permaneceu neutro ao longo do conflito. “Temos que acabar com a guerra. Se a guerra não acabar, será difícil para o mundo avançar”, disse Widodo, alertando que o mundo não pode cair “em outra guerra fria”.

Com tantos países sofrendo as consequências da guerra, mesmo nações geralmente próximas a Moscou, como China ou Índia, aderiram aos apelos pela paz, embora sem mencionar diretamente a Rússia.

### ESTADOS UNIDOS

## Trump lança candidatura à Presidência

A despeito dos apelos de dentro do Partido Republicano para que aguardasse um pouco mais, o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump deflagrou, ontem, oficialmente, o início de sua jornada para tentar retornar à Casa Branca. O magnata apresentou ao Comitê Eleitoral Federal a papelada estabelecendo sua candidatura e um comitê para concorrer novamente ao cargo nas eleições de 2024.

Em seguida, ele discursou em Mar-a-Lago, sua luxuosa

propriedade à beira-mar na Flórida. “Para tornar a América grande e gloriosa novamente, estou anunciando esta noite minha candidatura à presidência dos Estados Unidos. Somos uma nação falida para milhões de americanos”, disse Trump, em referência aos dois primeiros anos do governo do democrata Joe Biden. “Vou garantir que Biden não receba mais quatro anos”, afirmou.

Os apelos para que adiasse

o anúncio levavam em conta o mau desempenho dos candidatos leais ao ex-presidente nas eleições de meio de mandato. Aguardada pelos conservadores, a onda vermelha, cor dos republicanos, não aconteceu. Os democratas mantiveram o controle do Senado e, embora o partido de Trump provavelmente recupere o controle da Câmara dos Representantes, será por uma margem menor do que se pensava.

Trump deixou Washington depois que seus apoiadores

invadiram o Capitólio, em 6 de janeiro de 2021, contra a vitória de Joe Biden. Mas optou por permanecer na arena política e continuar arrecadando fundos e realizando comícios em todo o país.

Parte dos conservadores, porém, aposta em outro possível candidato à Casa Branca: o governador da Flórida, Ron DeSantis, de 44 anos. A nova estrela da extrema-direita saiu fortalecida das eleições de meio de mandato e alertou que sua luta está “apenas começando”.



Apoiadora do ex-presidente em frente à residência de Mar-a-Lago